REVISTA
DA
FEDERAÇÃO ACADEMICA
DE LISBOA

8 ct.vos

1

N.º 1 — Março de 1915

Pelo facto d'este numero ter sido consagrádo exclusivamente á Federação Acadèmica, iniciarêmos no seguinte a realisação do nosso programa.

Colaboração:

Dos professores: Almeida Lima — Anselmo Braamcamp Freire — Belo Morais — Silva Telles — J. Antunes Pinto — Ernesto de Vasconcelos — Francisco da Veiga Beirão — A. Lino Netto — Cincinato da Costa — José Eugenio Dias Ferreira — Pedro José da Cunha — Fernandes da Cruz e Joaquim Rasteiro.

Dos estudantes: Mosés Bensabat Amzalak — Francisco d'Almeida Carmo e Cunha — A. Moraes Sarmento — Joaquim José de Barros — José dos Santos e Silva e Mauricio Mónteiro.

Capa de Cristiano Cruz.

REVISTA da Federação Académica de Lisbôa Director, Raul Navas — Administrador, Joaquim Duarte Ferreira. — Propriedade da Federação Académica de Lisbôa. — Redacção e Administração — Rua da Gloria, 57. — Tipografia Universal, R. do Diario de Noticias, 110, Lisbôa.

A Federação Académica e a sua Revista

Os estudantes das Escolas Superiores de Lisboa, por intermedio das suas associações, reflétidamente, sem vaidade, mas tambem sem desanimo, realisando o sonho d'outras gerações, fundáram em 1913 a Federação Académica. Em torno da sua bandeira — simbolo da obra de confraternisação e progresso que se propõe efétivar — enfileiram como soldados do Bem e do Dever, todos os estudantes, prontos a defenderem sempre, e em todos os campos, os seus interesses, que são os interesses da Patria, afirmando praticamente os mais ardentes desejos de se elevarem, instruindo-se e educando-se.

Sem vãs pretenções, mas conscientes da nobre tarefa que vão empreender, iniciam a publicação da Revista da Federação Académica de Lisbôa, para nela poderem levar a efeito uma parcela modesta, porém fartamente espinhosa e delicada, do programa da Federação. Abrindo as suas paginas á colaboração de todos os estudantes, sentir-se-ha orgulhosa se puder dar aos que labóram um campo em que manifestem a sua inteligencia e saber, mostrando ao país que os estudantes de hoje *pensam e querem*, oferecendo assim uma garantia segura, quando no dia de amanhã forem chamados na vida prática, ao cumprimento dos seus deveres. Propondo-se realisar uma obra verdadeira e acentuadamente patriotica, exforçar-se-ha por inserir artigos em que se abordem e discutam principalmente assuntos de interesse nacional, desde a mais simples comemoração historica, que

recórde passadas glorias, até aos mais complexos e autorîsados projétos de comercio, de industria, de agricultura, de finanças, de colonias, de instrução e educação, que póssam dirétamente concorrer para o renascimento português, fazendo ingressar a nação no movimento moderno, de que anda, infelizmente, tão afastada.

Mas não é só com o trabalho de jornalistas debutantes, não é apenas com a iniciativa d'umas duzias de rapazes, crentes, entusiasmados e cheios de fé, que se póde levar a cabo a obra que empreendem neste momento. E' com o auxilio dos professores de todas as escolas, é com a inabalavel boa vontade de todos os estudantes federados — de todos — que se poderá conseguir a efétivação desses altos propositos.

O caminho por que enveredáram é ingráto e dificil — conscienciosamente o reconhecem — mas preocupados com o futuro da Patria, lançam-se ousadamente em luta e com tenacidade procurarão vencer. Assim, com este pensamento claro e firme, em que empregarão toda a sua energia, terão cumprido unica e simplesmente o seu dever, de bons e leais portugueses.

Março de 1915.

De ha muito mantenho a opinião de que o progresso do país só pode resultar da boa instrucção e educação que der á sua mocidade; dir-se-ha que esta opinião deriva da minha situação; responderei que, ao contrario a minha situação é uma consequencia daquela opinião.

Não admira, portanto, que eu dê o melhor acolhimento a toda a manifestação de vitalidade da nossa Academia, e melhor não pode ser dada quando se trata d'um empreendimento onde se evidenceia os resultados do ensino recebido, como é de esperar que sucêda com a publicação do orgão da Federação Académica.

A Academia, pensava por essa fórma, (e não ha outra mais legitima e demonstrativa), documentar o seu valor, e certamente não ha professor nem amigo da instrução que não acolha com a maior benevolencia uma tal iniciativa.

Pela minha parte, como Reitor da Universidade, será sempre para mim um prazer auxiliar essa, ou qualquer outra iniciativa, tendente a valorisar os alunos das Universidades de Lisboa, que tanto amo e de cuja accão tanto espero.

ALMEIDA LIMA
(Reitor da Universidade de Lisboa

Se da associação provem sempre a força, umas vezes para o bem, outras para o mal, da associação dos estudantes das Escolas Superiores de Lisboa só poderá resultar uma força benéfica de que os alunos aproveitarão para o seu desenvolvimento moral e intelectual.

ANSELMO BRAAMCAMP FREIRE
(Director da Escola Colonial)

Um pouco como o cabula vai ao seu exame, assim me apresento eu no proemio da publicação académica que ora começa.

Venho forçado por instantes solicitações que são ao mesmo tempo um carinho e uma honra e com o papel mal estudado, vergonhosamente mal estudado.

Deveria trazer aqui aplicados todos os metodos com que se esclarece a formação dos organismos.

O seu início, a sua evolução onto e filogénica, o meio e suas variações, tudo o que, bem esmiuçado mostraria porquê e como esta Federação quebra neste 5.º ano da republica a casca do seu ovo e confiadamente mete pés ao caminho das grandes jornadas·

Ainda apetrechado com todos aquêles materiais poderia, com a voz grandiloqua e pausada dos profetas, contar os casos que aos seus destinos competem.

Sem nada dêsses preparatórios tenho que me confessar um mentôr tão cego como os Telémacos que me procuraram a mão protectora e, para não entupir de todo, tive como o cabula relapso de mascarar em palavrório gongórico a minha pobre ignorância.

Que, antes de acabar o aranzel, injusto seria tambem despir-me de toda a autoridade! Fala-vos, ou melhor escreve-vos, o presidente da direcção da Associação Académica de 91-92, daquelas horas em que a nação, batida do ultimatum inglês, se convulsionava de indignação patriótica, e que bem podem talvês marcar o inicio da decadência monárquica, senão tambem da republicana, que em nossos dias dura.

De académicos notaveis, alguns prematuramente mortos, outros brilhando ainda hoje no jornalismo, saira o jornal *A Patria*.

Inflamava-se a rua a cada passo no explodir de manifestações contra a pérfida Albion. As libras eram os piratas e, nas assembleias, se este seu creado não correu risco de vida, isso seria descabida fanfarronada, viu-se em calças pardas para mantê-las na calma execução dos seus propósitos.

Tomando geitos, como hoje se diria de *talassa*, a direcção que presidí e com o particular esforço de um obreiro incansavel — Bernardino Cardoso — ao depois elemento precioso da benemérita Academia dos Estudos Livres ampliou a bibliotéca, alargou notavelmente os seus cursos, melhorou toda a instalação e fez várias outras cousas pacatas e uteis que já não sei enumerar.

O que sei porém é que ainda hoje me sinto muito contente de as ter ajudado a executar em vêz de ter andado pelas ruas a estourar as jugulares contra a Inglaterra atraz de uma filarmónica a espalhar os acordes então juvenis da, ao depois revolucionária, e já hoje oficial e grave, mas estafada Portuguesa.

Saia daquí afinal a moral de todo êste conto e vem a ser que esta Federação representando não uma mas *onze* associações académicas, não já centenas mas a caminho de milhares de estudantes, saiba sempre manter-se sensatamente dentro da sua tarefa, trabalhando todos por um e um por todos, pelas melhorias económicas e pelo prestígio social de uma classe que é sempre a depositária das mais justas esperanças de uma nacionalidade.

Prof. Belo Morais

(Professor da Faculdade de Medicina)

Algumas linhas acerca da historia da Federação Académica de Lisbôa

A IDEIA duma instituição que, contribuindo para estreitar amoravelmente os laços de solidariedade que deve unir os estudantes, fosse o baluarte onde eles se apoiassem para conseguir o triunfo das suas aspirações mais nobres e reivindicações mais justas, ha muito entusiasmava a mocidade das escolas.

Varias tinham sido as tentativas da academia de Lisboa para levar a efeito uma federação academica.

Até 1913 os dedicados esforços que nesse sentido foram empregados não tiveram, infelizmente, o sucesso que seria para desejar.

Coroado de melhor exito foi o movimento iniciado em março daquele ano pela Associação Academica do Instituto Superior do Comercio.

No dia 4 d'esse mez reuniram numa das salas daquele estabelecimento d'ensino, a convite da mesma Associação, delegados das associações academicas das Faculdades de Letras e de Sciencias, da Escola de Medicina Veterinaria e dos Institutos Superiores Tecnico e de Agronomia, resolvendo-se que a referida associação oficiasse a todas as outras para que elegessem 5 delegados, com plenos poderes, afim de discutirem e aprovarem os Estatutos da Federação Academica de Lisboa e tratarem de todos os assuntos que se prendessem com a sua instalação.

As associações que embora convidadas, não enviaram delegados áquela reunião, aderiram pouco depois ao movimento e a 30 de abril em assembleia geral de delegados e das direcções das varias associações de escolas superiores da capital, era fundada, no meio da mais viva alegria, a Federação Academica.

Em assembleias posteriores aprovaram-se os Estatutos, constituiram-se varias comissões necessarias e elegeu-se uma Comissão Executiva encarregada de tratar de todos os assuntos que interessassem a Federação e de a representar até á eleição dos corpos gerentes.

A ideia vingára. A Federação — essa obra de alcance amada

pelos estudantes e considerada pelos professores e que foi um belo sonho de tantas gerações — era um facto.

Lisboa, Março de 1915.

MOSÉS BENSABAT AMZALAK
FRANCISCO D'ALMEIDA CARMO E CUNHA

A propósito da Federação Académica

Não sei que vago sentimento de funda melancolia vem ao meu encontro quando observo as tentativas tantas vezes renovadas dos estudantes das escolas superiores pretendendo organizarem-se em associação destinada ao desenvolvimento da sua cultura e á sua educação social. E' porque me recordo, com uma ímensa saudade, de tantos moços do meu tempo que desapareceram, de tantos entusiastas da Federação Academica cuja voz nunca mais ouvi, fragmentos da alma que ficaram por essas terras de Portugal, amigos da juventude e companheiros de trabalho que queriam como eu uma patria respeitada e feliz!

Quantas noites de intensa labuta! quantas discussões interminaveis em volta da mesma idéa! uma associação academica poderosa, uma forte escola de educação civica, um centro de renovação scientifica e literaria, orientando a nação para uma vontade colectiva, para uma larga obra de renascimento! Eram estas as ambições de todos os novos que se sentiam com energia, de todos aqueles que lançavam os olhos para além das emulações escolares e descortinavam num longinquo horisonte um campo de actividade donde surgisse uma geração de valor.

As tendencias acentuadamente scientificas e literarias dos rapazes dessa época e qualquer coisa parecida com um certo desdem por tudo quanto lembrasse a politica imprimiram aos movimentos da mocidade a que pertenci uma feição de sinceridade e espontaneidade proprias de uma sã juventude. Eramos por isso muito unidos; não havia entre nós nenhum sentimento de hostilidade ou de repulsa. E dessa união resta hoje uma grande saudade pelos que morreram e uma bela camaradagem entre os que ainda vivem.

Desse passado, que já vae longe, tenho na memoria, bem vivos, muitos retalhos dos empreendimentos que tentavamos. E são

eles que me servem hoje para animar os que estão na alvorada da vida a seguirem pela mesma estrada, trabalhando por uma patria respeitada e feliz, — como nós pretendiamos.

SILVA TELLES.
(Professor da Faculdade de Letras)

BEM HAJAM

Á SUGESTIVA denominação de «*Federação Academica*» dada a uma associação de estudantes de Lisboa, uns moços que atualmente a dirigem, animados do mais vivo ideal de confraternisação, teem procurado que correspondam não só as melhores esperanças, mas tambem e desde já, a realisação de alguns dos belos pensamentos que tal denominação faz acordar nos espiritos altruistas.

Merecem todo o aplauso os esforços para efectuar tam util empreendimento que, na verdade, necessita de muita perseverança para ser eficaz. Creio porêm que a constancia é qualidade que não falece naqueles que a tanto se propuseram e que, por isso, arrastando com todos os obstaculos, saberão vencer, afinal. Creio tambem que não esquecerão os motivos dos reveses de anteriores e analogas tentativas, para os evitar, pelo que diligenciarão fazer radicar fundamente no animo da mocidade das escolas o conhecimento dos benéficos fins da associação — não suceda acaso que a nossa proverbial indiferença invalide os bons resultados já obtidos. Tal seria lamentavel; mas factos antigos e recentes apontam esse perigo: Brilhante e nacional foi o movimento politico que nos inicios da grande Revolução, em França, conduziu á festa da Federação, realisada em Paris a 14 de julho de 1790, e contudo breve falía essa entusiastica união de vontades, deixando quando muito a emocionante noticia de uma magestosa e patriotica glorificação; e — ai de nós! — bem presente e triste exemplo temos por cá de absoluta falta de concordia, quando mais dela necessitamos...

Ás vantagens morais e materiais que a «*Federação*», assente em bases firmes e na constancia do exercicio normal e progressivo do seu funcionamento, directamente deve proporcionar aos estudantes de todas as faculdades e escólas, unidos pelos laços da solidariedade académica, acrescerá sem duvida, como beneficio

geral e indirecto, derivado principalmente do espirito de tolerancia e do patriotismo que a ela ha-de presidir, tanto como da sua alta missão social e civilisadora, uma salutar influencia na melhoria da nossa descurada educação civica. Para realisar-se essa esperança, para a natural consecução desses fins utilissimos, precisa a «*Federação*» de poder dispôr dos suficientes recursos para promover o possivel bem estar dos estudantes associados, não só facultando aos que de tal necessitem e o mereçam, subvenções que lhes facilitem a vida, mas a todos oferecendo na séde associativa meios de trabalho e estudo; precisa ainda de igualmente promover conferencias e discussões instrutivas, de cultivar os uteis e higienicos desportos, de programisar festas de arte e de instalar divertimentos e distracções salutares; incumbe-lhe tambem procurar estabelecer ou melhorar as relações tanto entre as academias nacionais, como entre estas e as estrangeiras, etc, etc. Mas tais proveitos não podem ser alcançados, a nosso ver, sem que na «*Federação*» sejam defesos todos os grosseiros e baixos prazeres, bem como proíbida a manifestação de quaisquer tendencias que traduzam a revivescencia das lutas de casta ou de classe, ou das que procuram manter ainda costumes e habitos, nascidos de absoletas idéas mais proprias dos tempos medievos que dos actuais.

Convencido de que os dirigentes da «*Federação*» estão no firme proposito de continuar a imprimir-lhe a feição mais conveniente e agradecendo a gentileza do convite a que procurei corresponder com este despretencioso artigo — termino-o como o intitulei, com a mesma exclamação de aplauso, dizendo-lhes: *Bem hajam!*

Lisboa, 23 de Marco de 1915.

J. Antunes Pinto.

(Director da Escola de Medecina Veterinaria)

Vem de longe a idéa de reunir sob uma mesma bandeira a mocidade das escolas, constituindo assim uma verdadeira associação academica para defeza dos interesses comuns ás classes estudiosas, quer dos institutos oficiais quer dos particulares.

Essa colectividade tem encontrado sempre dificuldades de efectivação, principalmente devidas á transitoriedade da vida de estudante. Acabados os cursos, cada academico segue o seu caminho, a sua carreira, e o amor, o entusiasmo pela associação esmaiece.

Muitas vezes sucedeu, nas tentativas até agora feitas, não se poderem angariar novos associados, porque os seus mais devotados amigos não cuidaram a tempo de se fazerem substituir, tão preocupados estavam com a terminação dos seus estudos. E' preciso evitar que isto se repita. Vae nisso a salvação da idéa, e, talvez, pela forma federativa, que ora se pensa dar á associação dos estudantes, se evite o mal apontado.

No estatuto a formular é portanto preciso estabelecer principios que tornem duradoura a força que se organisa.

Os homens de ámanhã reunindo-se numa organisação poderosa e numerosa, fóra do escalracho da politica partidaria, que tenha por fim a defesa dos seus legitimos interesses pedagogicos, concorrem, desde logo, para a regeneração da Patria, que tanto está carecendo de homens fortes, sabedores e patriotas.

Saúdo, pois, a Federação Academica que me recorda a do meu saudoso tempo de estudante.

ERNESTO DE VASCONCELOS.
(Professor da Escola Colonial)

Cumprindo um dever

A Academia de Lisboa por indiferença d'uns e talvez má vontade d'outros, não tinha até esta data, na sua tão longa vida, nada que a fizesse notar como força organisada e apta a conseguir a sua missão.

Foi um dever que dezenas de gerações academicas esqueceram, não quizeram, não souberam ou não poderam cumprir.

A academia de hoje não quiz esquecer esse sagrado dever, e apoz dois anos duma luta intensa, onde tanta dificuldade houve a vencer, apresenta-nos como fruto do seu trabalho a «Federação Académica de Lisboa».

E' já alguma coisa, mas falta ainda muito para que seja tudo. Está cumprido parte do nosso dever, porem para que cheguemos ao fim, é preciso que cada um de nós dê á Federação o mais que possa da sua energia e do seu valor.

Sejamos pois todos pela Federação.

A. MORAES SARMENTO.
(Da Escola de Medicina Veterinaria)

UMA federação de estudantes, como a de que se trata, tendo por objecto a educação moral, intelectual, artistica e fisica dos respectivos associados, não póde deixar de merecer a simpatia de quem, como eu, se já não é, ha muito, estudante por cursar uma escola, é-o ainda hoje por ter continuado sempre a estudar.

FRANCISCO DA VEIGA BEIRÃO
(Professor do Instituto Superior de Comercio)

A UNIDADE moral da patria está enfraquecida. Todos os partidos politicos dos ultimos 85 anos, alem de outros factores de secundaria importancia, fizeram dela o que quer que seja de triste e de confrager.

Urge agora que um espirito novo, de maior abnegação e sacrificio, se apodere da nossa vida social; e, fóra dos moldes viciados que para ahi se vêem, atire com Portugal para o alto destino a que ainda tem direito e para a maxima dignidade de que tambem é capaz.

E' por isso que vejo, com simpatia e entusiasmo, organisar-se e desenvolver-se, entre nós, a «*Federação Academica de Lisboa,*» sob a educativa e bela divisa—*união para a vida.*

Que ela, considerada a diferença das circunstancias, tenha em nossos dias um papel analogo ao da *ala dos namorados* em Aljubarrota, ao da mocidade de Coimbra nas Invasões Francesas, e ao do *batalhão academico* nas Luctas Liberaes:

—Agite a alma querida da patria nos seus melhores ideaes com afirmações de trabalho, de caracter, e de confiança no futuro!

A. LINO NETTO.
(Professor do Instituto Superior de Comercio)

O principio associativo envolve em si a ideia de energia, vontade, ordem e progresso.

As sociedades scientificamente organisadas teem mais força, e, portanto, maior razão de existencia.

A Federação Académica de Lisbôa, como organisação da actual geração academica, representa uma manifestação de vitalidade destinada a produzir os melhores fructos.

Creio bem que todos aqueles que representam hoje o pensa-

mento consciente em Portugal, verão com desenvoltura o estreitamento dos laços da Academia.

JOAQUIM JOSÉ DE BARROS
(Da Faculdade de Sciencias)

A união faz a força!

A MOCIDADE academica de Lisboa precisava unir-se, solidariesar-se para que dessa união, dessa solidariedade resultasse a força indispensavel para fazer ouvir a sua voz na reivindicação dos seus direitos. Assim o entenderam muitos dos mais aguerridos soldados dessa falange audaz de academicos, fundando a Federação Académica, onde se encontram representadas todas as Escolas Superiores de Lisboa.

Somos rapazes todos nós que assim nos ligamos pelos laços da mais estreita camaradagem; e, exactamente porque o somos, não devemos desanimar quando as dificuldades surgirem no nosso caminho.

Lembremo-nos que, rapazes hoje, seremos os homens de amanhã; e que, se para as conquistas da vida se exige inteligencia, a experiencia demonstra que a coragem é sempre necessaria para a lucta.

Luctemos, pois, assim unidos porque **a união faz a força!**

JOSÉ DOS SANTOS E SILVA
(Da Escola Colonial)

QUANDO o machado individualista, levado por uma falsa idéa de liberdade, deitou por terra o principio associativo, logo o individuo isolado começou a sentir-se fraco e núlo, perante aqueles a quem combatia, e perante o Estado a quem reclamava. Aboliram-se os intermediarios entre o individuo e o Estado; nada de barreiras, dizia-se; liberdade absoluta. E a liberdade tomou os ares dum dogma teologico.

O resultado foi um regresso profundo nas classes operarias, onde o capital e a vontade não existia, porque tudo se achava dissociado, entregue ao livre arbitrio de cada um dos seus membros isoladamente. Como reação, contra este prejuiso, surgio a idéa, socialista, verdadeira antitese do individualismo. Imediatamente o

principio associativo sofreu um impulso consideravel, agrupando os individuos em torno dos seus interesses subordinando-os a uma vontade distinta e ao mesmo tempo imanente á vontade dos seus membros. E no entusiasmo da idéa associativa desceu-se á especialisação profissional, levados naturalmente num movimento de integração organica, d'onde o grande sociologo De Greef esperava o aperfeiçoamento social.

Mas isto não bastava. Desintegrar é especialisar; e a especialisação é sem duvida uma consequencia do progresso. Mas esta desintegração se por um lado traduzia a perfeição e o progresso, por outro lado trazia consigo os germens da separação e desintegração, o que equivale a dizer do isolamento e da fraquesa.

O que se tornava necessario fazer?

Ligar essas associações especialisadas, torna-las interdependentes de forma a subordinar a sua ação a um todo organico, mais forte perante o Estado, a quem por vezes fala como se fôra um egual. E assim surgio a idéa do sindicato, de que a Federação Académica é uma expressão.

A sua creação constitue portanto um dos factos mais notaveis na historia da Academia Portuguêsa, marcando desde já o inicio da sua renascença, que na sua marcha triunfal acompanhará de mãos dadas o progresso do nosso querido Portugal.

Todos os louvôres são poucos para os seus fundadores. Avante! Viva a Academia Portuguêsa!

Lx.ª 10-III-915.

MAURICIO MONTEIRO.
(Da Faculdade de Direito)

FEDERAÇÃO ACADÉMICA

Vão decorridos mais de 30 anos, depois que eu ajudei, com o meu fraco esforço e quasi nenhum valimento, juntamente com ilustres colaboradores, muitos deles já na outra vida, a formar a corrente de opinião de que havia de resultar, na época actual, a constituição da Federação Académica. Fundavamos então a primeira Associação Académica de Lisboa.

Como me recordam ainda hoje nos seus mais insignificantes detalhes todos os nossos trabalhos, todos os nossos projectos, todas as nossas aspirações e fantasias, e como me parece ser de hontem

essa lucta homerica em que se empenharam muitos dos mais talentosos academicos do tempo para se conquistar a posição que a mocidade estudiosa tinha direito a alcançar e por tantas fórmas e tantas dificuldades lhe fôra até ahi sempre denegada.

Mas não se paralisaram as energias dos ardentes e intrepidos luctadores, e após repetidas reuniões, em assembléas magnas, que se tornaram celebres pelo enthusiasmo e vibrante comunhão de idéas de todos os academicos, conseguira-se arrancar a aprovação dos estatutos da Associação Academica que tantos serviços prestou e tão brilhante interferencia teve em muitos factos notaveis da vida nacional. Está na lembrança de todos o que foi a imponente homenagem e gloriosa consagração feita em 1880 a Camões por ocasião do tricentenario do seu falecimento. Não houve manifestação egual, nem parecida, no nosso país, em que a alma popular do mesmo passo que se expandia em justo preito de homenagem, cheia de reconhecimento e admiração pelo grande epico, se afirmava num fervoroso culto pela patria, revendo-se no passado e nas épocas gloriosas dos seus grandes feitos. Nunca o sentimento nacional vibrou tão alto nem por fórma tão geral e entusiasta. E tudo isto foi obra do movimento iniciado pela Academia, orientado e inspirado pela Associação Académica de Lisboa, por meio de um vasto e completo programa. As conferencias, saraus, artigos na imprensa diaria e em publicações especiaes, fez a propaganda patriotica para a consagração do cantor das nossas glorias.

Hoje a classe académica, mais numerosa, melhor preparada, com as tradições que lhe veem das gerações anteriores, com outros recursos que não tiveram os estudantes de outras epochas, póde prestar incalculaveis serviços a si propria e ao país, pela sua união, pela federação de todos os seus nucleos de trabalho, alcançando vantagens e beneficios para o bem comum. Com as nobres aspirações da mocidade estudiosa devemos contar todos para o progresso geral. Dos estudantes de hoje, que amanhã serão os dirigentes deste país, está dependente o futuro da nação. Deles fiamos o desenvolvimento economico e financeiro desta abençoada terra portuguêsa avida de actividades produtoras que se lhe designem e a ela procurem aplicar o seu valimento.

Saudando a Federação Académica faço-o com desvanecimento e com certo orgulho. Antevendo-lhe os seus triunfos e brilhantes conquistas a bem do engrandecimento nacional, não deixo de sentir uma consoladora satisfação ao recordar-me da posteridade academica de outros tempos,, e do muito que trabalhei, embora obscuramente, para a educação e prosperidade da ideia que

por assim dizer tem o seu inicio com a fundação da Associação Academica de Lisboa.

Parafraseando o grande Herculano, direi ao cogitar nos factos passados — *recordar-se* — *consolar-se*...

CINCINATO DA COSTA
(Professor do Instituto Superior de Agronomia)

AQUELES que derivam a sua auctoridade unicamente do prestigio do ensino, preferindo conquistar o espirito de homens livres a dominar as multidões subservientes, pensáram sempre que enobrecer o estudante é dignificar o mestre.

Por isso, a Federação Academica, cujo primeiro objectivo deve ser educar as gerações escolares no culto da independencia, preparando-as para exercerem o seu espirito de livre critica sobre os ensinamentos da catedra, merece toda a minha simpatia de professor.

Lisboa, 17 de Março de 1915.

JOSÉ EUGENIO DIAS FERREIRA
(Professor do Instituto Superior de Comercio)

SÃO multiplos os aspectos sob que póde ser encarada uma federação de estudantes, e ha entre eles um que julgo oferecer um grande interesse, por corresponder a uma verdadeira necessidade social.

Estamos vendo, com tristeza, onde pode conduzir o grande desenvolvimento scientifico, quando propositadamente se esquece que toda a sciencia, fóra do campo méramente especulativo, deve ter por objectivo o progresso e o bem estar da humanidade. Podemos sentir-nos cheio de admiração perante a obra colossal realisada, mas chegamos quasi a deplorá-la reconhecendo que éla obedeceu primacialmente ao intuito de aumentar os meios de luta e de destruição, ao de afirmar o predominio despótico de uma raça sobre todas as outras consideradas inferiores.

Torna-se, pois, forçoso humanizar a sciencia, evitar que os seus fins sejam disvirtuados com orgulho satanico; e para isso deve-se estreitar os laços de solidariedade, de estima e de respeito mutuos que hão de existir entre os homens, condição imprescin-

divel para que tambem possam forjar-se e apertar-se entre as nações. E não haverá para essa cruzada contribuição mais eficaz do que aquilo que ha a esperar dos impulsos generosos e da acção desvelada dos estudantes de hoje, donde terão de sair as classes dirigentes de ámanhã.

A missão de confraternização e de solidariedade, que a Federação Academica a si propria impõe, é a meu vêr, das mais uteis e grandiosas do seu programa. Oxalá a Federação consiga ampliar suficientemente a sua esféra de actividade, por fórma a meter no seu seio toda a mocidáde das escólas.

PEDRO JOSÉ DA CUNHA
(Director da Faculdade de Sciencias)

O ESFORÇO natural da unidade humana tende para a associação e o desta para o Perfeito Absoluto.

E' com a conjugação de forças unitarias ou coletivas que tal fim conseguimos.

A indução mostra-nos, pois, a utilidade de esse esforço.

Assim sendo, vá o nosso entusiástico aplauso á Federação Academica cujas disposições estatutárias sobejamente nos apontam o caminho para a Perfeição.

FERNANDES DA CRUZ.
(Professor da Escola Superior de Farmacia)

Pela educação

A EDUCAÇÃO, na sua essencia primitiva, é plana indiferencial donde tudo emana: o caracter, a saúde, a fortuna, os tres principais factores da felicidade.

Saber adquirir a felicidade deve ser a ambição de todo o individuo, e essa sciencia consiste em vencer todas as dificuldades da vida, mas tentar essa victoria natural tenacidade com que se cumpre um dever, e atingil-a com a esperada alegria e o contentamento intimo do resultado da nossa superior energia, e da confiança em nós proprios.

A educação que produz o individuo assim constituido moral

e fisicamente, não se ministra pelo livro e pelo discurso, mas pelo exemplo e pela obra.

O professor só póde educar pelo seu proceder: deve ser um espelho de honradez, de afeição e de justiça; despertar no aluno a confiança, abrir-lhe o entusiamo pelas boas acções, disciplinar-lhe o espirito e os movimentos por uma direcção discreta de modo a sugerir-lhe iniciativa e dar-lhe noções de ordem.

O aluno em tal meio agirá, ao principio amparado, por fim livre de qualquer esteio directo.

A associação é dos mais uteis instrumento da educação: a vida colectiva regulamentada, desde as primeiras idades escolares até aos periodos post-escolares, resolve uma serie enorme de problemas educativos que, sem ela, ficariam insoluveis para o individuo, ou relegariam a sua solução para momento em que as dificuldades e as demoras lhe aniquilariam os efeitos.

A pratica da vida associativa, acompanhada pela vigilancia constante do professor, presta ensinamentos de disciplina, de ordem, de justiça e de governo, que habilitam o individuo não só a dirigir noções de autoridade que lhe prestarão grande auxilio na sua futura vida de cidadão. Do pequeno nucleo colectivo, em que o aluno exerce todas as suas minusculas acções sociais, chega, por gradações sucessivas, dentro de colectividades cada vez mais amplas, mais complexas, mais importantes, desde o infantil grupo dos jogos até á vasta federação academica, a encarar a sua classe, a sua freguesia, a sua região, o seu paiz com aquele interesse, atenção, conhecimento e afecto que são indispensaveis á existencia digna e progressiva destes organismos.

Nada ha que promova maior respeito pela lei e pela autoridade, do que ter feito a lei e do que, pela sua autoria, ter reconhecido a sua necessidade. Daqui provem naturalmente a disciplina em todos os actos, e a ordem e harmonia geral.

O peso da responsabilidade propria, que se faz sentir pelo exacto reconhecimento dos nossos deveres, ensina a avaliar com precisão o peso das responsabilidades d'ontem, e portanto a proceder com inteireza, a julgar com justiça, e a trabalhar com proveito.

Está pois na educação da mocidade a primeira causa da nossa constituição nacional.

Do professor está dependente obra tão grandiosa.

Que todos vejam claro — os homens de hoje, e os homens de amanhã.

JOAQUIM RASTEIRO
(Professor do Instituto Superior de Agronomia)